





O centenário de Maria Lúcia Godoy (1924)

Penha Vasconcelos Sabeti 
Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG)
penhasabeti@gmail.com

Angelo José Fernandes 
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP)
angelojfernandes@gmail.com

ARTIGO

Editor-Chefe: Mauro Chantal
Layout: Mauro Chantal e Edinaldo Medina
License: "CC BY 4.0"

Enviado: 15.08.2024

Aceito: 26.09.2024

Publicado: 30.12.2024

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14790885>

RESUMO: Este texto dispõe dados biográficos sobre Maria Lúcia Godoy, solista mineira de alcance internacional, reconhecida por suas interpretações em recitais e gravações de áudio do gênero canção de câmara. Sua trajetória artística abarca também a literatura, tendo a artista publicado livros infantis e mantido uma coluna semanal como cronista, por mais de uma década, no jornal Estado de Minas. Doutora *Honoris Causa* pela UFMG, Maria Lúcia Godoy completou 100 anos em 2024, tendo atuado profissionalmente por sete décadas. As informações deste trabalho foram baseadas na dissertação de Mestrado de SABETI (2020), e celebram o centenário da artista como estandarte da canção brasileira de câmara.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Lúcia Godoy. Canção Brasileira de Câmara. Madrigal Renascentista.

The Centenary of Maria Lucia Godoy (1924)

ABSTRACT: This text provides biographical information about Maria Lúcia Godoy, a soloist from Minas Gerais who has achieved international fame and is recognized for her performances in recitals and audio recordings of the Art song genre. Her artistic career also encompasses literature, with the artist having published children's books and maintained a weekly column as a columnist for over a decade in the newspaper Estado de Minas. An honorary doctorate from UFMG, Maria Lúcia Godoy turned 100 in 2024, having worked professionally for seven decades. The information in this work was based on the Master's dissertation from SABETI (2020), and celebrates the artist's centenary as a standard-bearer of Brazilian art song.

KEYWORDS: Maria Lúcia Godoy. Brazilian Art Song. Madrigal Renascentista.



1. Um pouco de muito

1.1. Infância

Maria Lúcia Godoy nasceu no interior de Minas Gerais, em Mesquita (Vale do Aço), no dia 2 de setembro de 1924. Nasceu pouco antes da primavera, sua estação preferida e tema de um de seus poemas de infância. Seus genitores, Romeu Moreira Godoy e Maria de Barros Brandão (D. Neném), nasceram em 1900 e faleceram em 1979, ela primeiro, no dia 16 de março. Ele no dia 11 de maio, de paixão, como contam na família Godoy.

A artista recebeu dos pais incentivos constantes em relação aos predicados artísticos com os quais se comunicava desde cedo. A declamação, a criação de poemas e a música sempre foram presentes em sua vida, tendo seus pais proporcionado no ambiente familiar espaço para a performances de serestas e madrigais. Com 12 filhos, o casal contava com artistas e plateia em sua própria casa.

Uma de suas irmãs, Rosa Alice (1932-2013), também conhecida como Pitucha Godoy Renault, escreveu o livro *Rua São Paulo 2189: cenas da infância* (s.d.), no qual relata o ambiente familiar e as lembranças de sua infância, muitas das quais Maria Lúcia esteve presente, sempre acompanhada pela Música. Segundo SABETI (2020):

O livro de Pitucha Godoy Renault (1932-2013) é o que mais nos aproxima da realidade vivida por Maria Lúcia Godoy em sua infância em Belo Horizonte, que à época apresentava em sua expansão arquitetônica edifícios ecléticos. Assim, em meio ao crescimento, organizado até então da nova capital, Maria Lúcia Godoy desfrutava ao mesmo da natureza mineira e também do desenvolvimento social da cidade. Essa vivência permanece em seu pensamento, visto que em sua fala abundam tanto a natureza quanto o desenvolvimento (SABETI, 2020: 4-5).

Sob olhar histórico, tendo Belo Horizonte sido inaugurada em fins do séc. XIX, mais especificamente em 1897, e Maria Lúcia Godoy passado o final de sua infância e vida adulta na capital mineira, podemos afirmar que o desenvolvimento da cidade se deu paralelamente ao desenvolvimento da vida artística de Maria Lúcia. Construída com anseios de modernidade, Belo Horizonte foi planejada em seu centro com ruas que homenageiam tribos indígenas, sendo outras, paralelas, com nomes de estados brasileiros. A arquitetura eclética da cidade em suas primeiras décadas foi observada pela jovem Maria Lúcia em seus relatos poéticos, de modo que podemos imaginá-la

criança, colhendo flores pelo centro de Belo Horizonte ao ir para a escola, a partir de seu poema *Ninguém reparou na primavera* (1985), que deu título a um de seus livros infantis:

Ninguém reparou na primavera

Vou para a escola,
Mas antes passo pelo campo.
Que beleza!
Prendo no cabelo um ramo de flores amarelas.
Nas mãos, um buquê de pequeninos sóis.
Radiosa, entro na sala:
- Chegou atrasada, menina!
Encabulada, olho para a ponta dos meus dedos.
Neles, tranquila, passeia uma joaninha.
Ninguém reparou na primavera... (GODOY, 1985: 23).

As Figuras 1 e 2, a seguir, nos mostram recortes de Belo Horizonte na década de 1930. Na Figura 1, a Avenida Afonso Pena em primeiro plano, com destaque para a Serra do Curral ao fundo. Nesse ambiente com anseios de modernidade, ao mesmo tempo cercado por vegetação exuberante à espera da expansão imobiliária, cresceu Maria Lúcia Godoy.



Figura 1: A Avenida Afonso Pena, na região centro-sul de Belo Horizonte. No quarteirão anterior ao em foco, ao lado direito, se encontra o prédio do Conservatório Mineiro de Música, instituição inaugurada em 1925, posteriormente renomeada como Escola de Música da UFMG. Fonte: SABETI, 2020: 5.

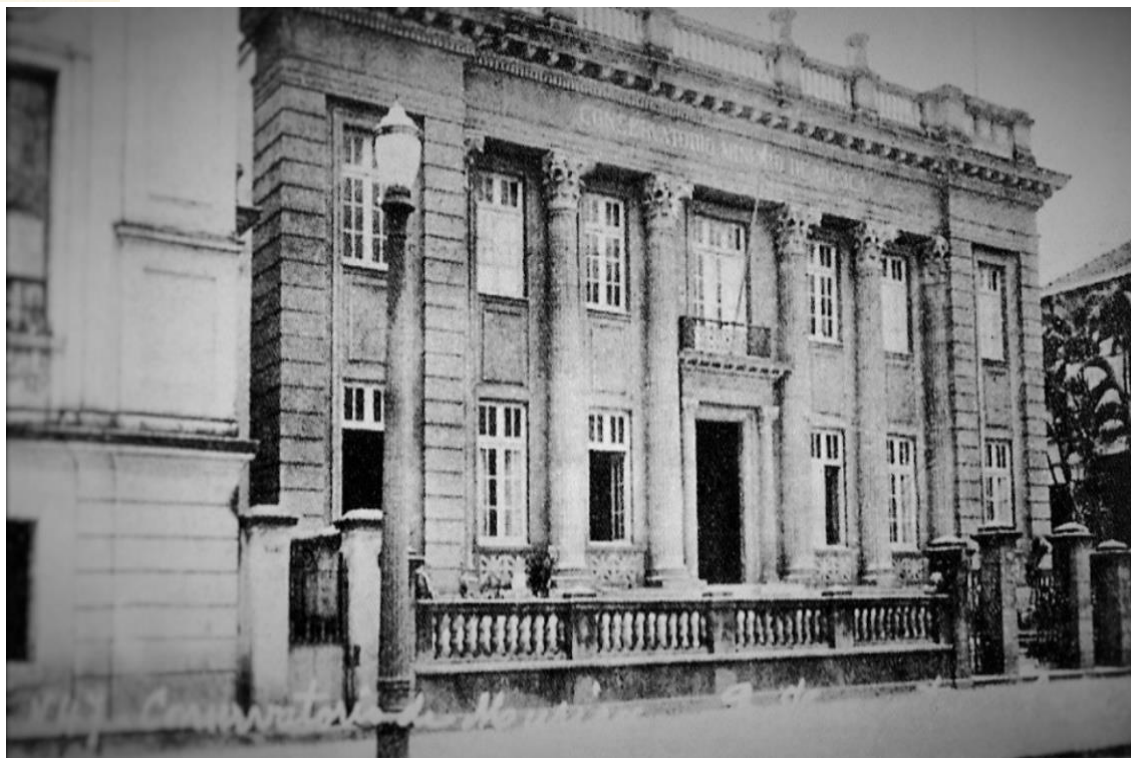


Figura 2: O prédio do Conservatório Mineiro de Música, instituição que, desde sua inauguração, em 1925, se tornou referência na educação musical da capital mineira. Fonte: CALAIS, 2021: 31.

A transferência da família Godoy para a nova capital mineira marcou também o início dos estudos vocais de Maria Lúcia. Sob os cuidados de Honorina Prates (s.d.), sua voz começou a percorrer um caminho inimaginável para a jovem artista que levaria seu canto a inúmeros países, sempre como representante da canção brasileira de câmara.

Décadas após seus estudos iniciais de canto lírico, a artista foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em 2016, a partir de extenso estudo do prof. Mauro Chantal (1971), amigo e estudioso da vida artística de Maria Lúcia Godoy. Na ocasião, ao relembrar seus primeiros anos de estudo, registrou que fora do ambiente familiar: “Comecei a cantar na Igreja de Lourdes, onde muitos fãs apareciam na missa das 10h” (GODOY, 2016: 3). Além de ceder sua voz para as referidas missas matinais, cabia também à Maria Lúcia Godoy a execução de *O vos omnes* como canto de Verônica em procissões durante a Semana santa.

Na Figura 3, apresentamos a igreja de Lourdes citada por Maria Lúcia Godoy, tradicional Basílica de Nossa Senhora de Lourdes construída em 1923, próxima à casa dos pais de Maria Lúcia, em fotografia que nos mostra Belo Horizonte envolvida por uma vegetação que não mais existe hoje:



Figura 3: A Basílica de Lourdes, em Belo Horizonte, onde Maria Lúcia Godoy começou a cantar em público.
Fonte: SABETI, 2020: 7.

O QR Code da Figura 4, logo abaixo, nos mostra Maria Lúcia Godoy em discurso ao ser agraciada com o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG:



Figura 4: QR Code de acesso a um excerto do discurso de Maria Lúcia Godoy ao receber o título de Doutora *Honoris Causa* pela UFMG, em 2016.

1.2 Os saraus da família Godoy em Belo Horizonte e a mudança para o Rio de Janeiro

Foi na Rua São Paulo, número 2.189 bairro de Lourdes, onde Maria Lúcia Godoy ligou-se à música de maneira definitiva. Sua casa era conhecida por muitos artistas que, ao lado da jovem e de seus familiares, entoavam canções e apreciavam uma tradição em Minas Geras: as serenatas e os saraus.

Desde muito cedo, Maria Lúcia Godoy chamou a atenção por seus dotes artísticos e também por sua paixão pelas artes. Sua mãe, que era professora, sempre estimulou muito os filhos ao estudo e com frequência presenteava-os com obras literárias, como relata Renault (s.d.):

Quando ganhávamos presente de aniversário, mamãe sempre comprava um bom livro: Monteiro Lobato, Machado de Assis, Andersen, Júlio Verne, e nos mandava copiar as palavras que não entendíamos para que ela nos explicasse depois o seu sentido, olhando no dicionário. (RENAULT, s.d.: 21).

No colégio, era notório o seu talento nas aulas de arte, sempre se destacando por meio de sua voz e sensibilidade. Porém, antes mesmo de seduzir a todos com seu canto ela já impressionava seus professores com suas belas poesias sobre a natureza. Durante sua infância declamou poemas de Guerra Junqueiro (1850-1923), Guilherme de Almeida (1890-1969), Djalma Andrade (1894-1975) Olavo Bilac (1865- 1918) e Álvaro Moreyra (1888-1964) durante um programa infantil da Rádio Inconfidência, em Belo Horizonte. Na época, havia nessa rádio dois programas destinados para o público infantil que frequentava a escola: a Hora Infantil e a Hora Educativa. Para o primeiro deles, Maria Lúcia Godoy se apresentou declamando poesias com perfeita dicção natural. Neste sentido, seu interesse pela arte da poesia contribuiu sobremaneira em sua carreira artística, visto que sua atuação vocal não estava alicerçada apenas em sua qualidade sonora, mas acrescida da capacidade como intérprete na valorização de cada palavra dos textos poéticos sobre os quais se debruçou como cantora lírica.

Foi o senhor Tabajara Pedroso (1897-1987), diretor do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte, um dos primeiros a encantar-se com a sua voz, convidando-a para cantar nas aulas sociais e incentivando-a a procurar a professora Honorina Prates para fazer aulas de canto. Maria Lúcia, empolgada com a indicação, resolveu procurar a professora, que logo lhe assegurou possuir "uma voz muito bonita, de contralto".



(GODOY, 1981: 14).

Maria Lúcia Godoy iniciou seus estudos de canto por volta dos seus 13 a 14 anos de idade, seguindo a classificação de Mezzosoprano. Suas aulas aconteciam duas vezes por semana. Além disso, ela continuava a cantar nas aulas sociais do Ginásio Mineiro. Com apenas um mês de aulas de canto, Maria Lúcia conquistou o título de "Revelação do Ano". Foi em consequência desse título, conquistado em uma audição de alunos no Instituto de Educação que Maria Lúcia Godoy recebeu o convite para participar como solista das missas matinais de domingo na Basílica de Lourdes. Na ocasião, Maria Lúcia Godoy interpretou as canções *O mar*, de Dorival Caymmi (1914-2008), e *Sabiá*, de Hekel Tavares (1896-1969), de quem, posteriormente, gravaria um LP completo contendo 15 canções.

Os Godoys tinham em sua casa à época um piano, e com esse instrumento muitas reuniões da família contavam também com Maria Lúcia e seus irmãos apresentando árias e canções. Segundo Renault (s.d.):

Quantas vezes, mamãe e vovó cantavam para nós depois do jantar, em 1ª e 2ª voz, o Gondoleiro do Amor, com papai na 3ª voz, com sua voz bonita do baixo profundo... E a gente ia entrando devagarinho, e pouco a pouco um coral harmonioso se fazia ouvir dentro daquelas inesquecíveis e tranquilas noites... (RENAULT, s.d.: 26).

A união das irmãs Godoy acabou por inspirar um dos irmãos, Gilberto, a criar o apelido de *Las hermanitas Godoles*. Em uma das inúmeras crônicas publicadas por Maria Lúcia Godoy no jornal Estado de Minas, *las hermanas* foram citadas como "críticas, mandonas, matriarcais, ciumentas, mas, tantas vezes, cheias de ternura e generosidade". (GODOY, 2014: 25).

Seu interesse pela literatura a direcionou para estudos na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, onde concluiu, em 1945, o curso de Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – hoje, Faculdade de Letras – da UFMG. A Graduação de Maria Lúcia Godoy aconteceu na antiga Escola Normal Modelo, hoje Instituto de Educação de Minas Gerais, localizado no Bairro Funcionários¹.

A seguir, na Figura 5, um registro da jovem Maria Lúcia Godoy,

¹ O curso de Letras Clássicas e Letras Neolatinas foi instalado nesse prédio entre os anos de 1942 a 1952. Maria Lúcia Godoy chegou a lecionar para crianças no jardim de infância da Escola Estadual Delfim Moreira, Doze de Dezembro e Princesa Izabel, em Belo Horizonte.

provavelmente no início da década de 1940:



Figura 5: Maria Lúcia Godoy em sua juventude. Fonte: SABETI, 2020: 11.

Segundo Maria Amélia Godoy (s.d.)², após a conclusão da Graduação e com o crescente despontar do talento vocal de Maria Lúcia Godoy, seus pais decidiram pela transferência para a cidade do Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, na busca por melhores oportunidades de estudo na arte do canto lírico. O ano de 1948 marca a data de transferência da família Godoy para o Rio de Janeiro, segundo Henrique Godoy, sobrinho e produtor da artista, em entrevista³. Os pais tinham em mente um nome para guiar os estudos de Maria Lúcia: Pasquale Gambardella (?- 1968), que desenvolveu no Brasil profícua carreira na década de 1930. Gambardella recebia em seu estúdio tanto cantores eruditos quanto populares, dos quais teve como representantes maiores Dalva de Oliveira (1917-1972) e Marília Pêra (1943-2015).

Na Figura 6, a seguir, apresentamos uma foto com o professor Pasquale Gambardella ao lado de alunas da década de 1950. Maria Lúcia Godoy encontra-se no canto à direita:



Figura 6: O professor Pasquale Gambardella em pose com alunas. Maria Lúcia Godoy se encontra no canto oposto ao professor. Rio de Janeiro, 1951. Fonte: SABETI, 2020: 12.

Ao todo, a família Godoy permaneceu quase uma década no Rio de Janeiro, permanecendo no bairro da Urca, e Maria Lúcia Godoy angariou alguns prêmios em

² Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2019.

³ Entrevista realizada no dia 22 de outubro de 2019.

concursos de canto, dentre os quais destacamos:

- Primeiro prêmio Lorenzo Fernandez (1951);
- Concurso de solista da Orquestra Sinfônica Brasileira (1952);
- Vera Janacópulos (1962).

De todo o material observado no início da carreira de Maria Lúcia Godoy no Rio de Janeiro, uma matéria da revista **Carioca** nos chama a atenção pelos elogios à voz da artista que à época contava apenas 22 anos. Julgamos necessária a inclusão dessa crítica, pois ela resume as inúmeras críticas futuras dedicadas às suas performances ao vivo e também em gravações, nas quais sua pronúncia do português cantado é sempre destacada. Lançada em 1951 em sua edição 00839, o texto assinado por Claribalte Passos (1923-1986) aponta:

Interpretando programa eclético, essa futura artista do bel-canto pôde evidenciar, desde os três primeiros números que iniciaram essa audição, apreciáveis qualidades. Não apenas através da emissão limpa do conteúdo melódico de cada uma dessas páginas, mas, sobretudo, no concernente ao domínio admirável dos pianíssimos, graves, e vocalizes, pudemos analisar o valor e a força do seu talento para a ingrata e delicada carreira. (...) Em todas elas, a pronúncia escorreita logo fez-se notar, assim como as nuances de uma técnica muito bem desenvolvida e polida. (SABETI, 2020: 13).

Com o desenvolvimento de sua carreira, Maria Lúcia Godoy transitou livremente como solista em óperas quanto em apresentações de câmara. Contrapondo a afirmação de MARIZ (2002: 262), que afirmou: “Sua voz, embora bela e aveludada, não era grande e por isso não insistiu em fazer ópera, limitando-se à Música de Câmara, que interpretava com bom gosto e graça”, citamos a crítica do **Jornal última hora**, em edição de 24 de outubro de 1984:

É com legítimo orgulho nacionalista que registramos a presença estelar de Maria Lúcia Godoy. De longe, foi a melhor Eurídice. Ilustre camerista, de longa e comprovada carreira nas salas de concerto mais importantes do mundo, encontrou o supremo papel de sua criação musical. (...) Deu aula completa de emoção, expressividades, modulações, fraseado e intenções. Foi, também, a voz mais perfeita, de projeção absoluta, límpida e audível em toda a gama (SABETI, 2020: 13).

Neste sentido, listamos alguns títulos de óperas, oratórios, missas e afins que contaram com a participação da artista nos principais teatros brasileiros no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Exemplos da atuação de Maria Lúcia Godoy frente ao repertório operístico e sinfônico.

Título/compositor	Gênero	Personagem	Teatro	Ano
<i>Cavalleria Rusticana</i> (Pietro Mascagni)	Ópera	Lola (Mezzo)	Cine Theatro Brasil	1947
<i>Let's make an opera</i> (Libreto traduzido por Guilherme de Figueiredo, sob o título de Vamos fazer uma ópera (Britten))	Ópera	D. Cota (Mezzo)	Auditório do Clube Ginásio Português (RJ) E Teatro Cultura Artística (SP)	1954
<i>Stabat Mater</i> (Pergolesi)	Solos e orquestra	Solo (Mezzo)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1962
<i>Bachianas Brasileiras N. 5</i> (Villa-Lobos)	Solo e grupo de cellos	Solo (Soprano)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1969
<i>Il Barbiere di Siviglia</i> (Rossini)	Ópera	Rosina (Mezzo)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1970
<i>Procissão das Carpeideiras</i> (Lindemberg Cardoso)	Solo, coro e orquestra	Solo (Mezzo)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1970
<i>Così Fan Tutte</i> (Mozart)	Ópera	Dorabella (Mezzo)	Teatro Municipal de São Paulo	1971
Roméu et Juliette (Berlioz)	Sinfonia dramática	Solo (Soprano)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1971
<i>Il Matrimonio Segreto</i> (Cimarosa)	Ópera	Fidalma (Mezzo)	Teatro Municipal de São Paulo	1972
<i>L'Enfance du Christ</i> (Berlioz)	Oratório	Maria (Soprano)	Igreja S. Carlos Borromeo e Teatro Municipal de São Paulo	1973
<i>Turandot</i> (Puccini)	Ópera	Liù (Soprano)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1978
<i>Le nozze di Figaro</i> (Mozart)	Ópera	Cherubino (Mezzo)	Teatro Municipal de São Paulo	1979
<i>La Bohème</i> (Puccini)	Ópera	Mimi (Soprano)	Grande Teatro do Palácio das Artes	1981
<i>Orfeo</i> (Gluck)	Ópera	Euridice (Soprano)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1984
<i>A Floresta do Amazonas</i> (Villa-Lobos)	Orquestra e soprano solista	Solo (Soprano)	Teatro Municipal do Rio de Janeiro	1985
<i>Tiradentes</i> (Macedo)	Ópera	Marília (Soprano)	Grande Teatro do Palácio das Artes	1992
<i>Faust</i> (Gounod)	Ópera	Siébel (Mezzo ou Soprano)	Não consta	Não consta
<i>L'amico Fritz</i> (Mascagni)	Ópera	Beppe (Mezzo)	Idem	Idem
<i>Werther</i> (Messenet)	Ópera	Charlotte (Mezzo)	Idem	Idem

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre o registro no Quadro 1, que aponta uma *performance* de Maria Lúcia Godoy diante da obra *Bachianas N.5*, digno de nota é que segundo a própria artista, ela

pôde participar de mais de 50 concertos interpretando essa obra. Villa-Lobos está presente em sua discografia de maneira marcante, e em suas próprias palavras, ao se referir ao compositor e à sua obra, ela registrou que:

Certa vez, durante um concerto em Belo Horizonte, onde eu cantei a sua *Invocação em defesa da pátria*, vi Villa-Lobos de relance e jamais esqueci sua figura majestosa, forte. Logo quando comecei a cantar me fascinei pelas *Bachianas Brasileiras n.5*. Eu tinha uma vontade louca de cantá-la, mas achava que ainda não tinha estrutura, não tinha técnica suficiente, pois trata-se de uma das peças mais difíceis do canto universal. Eu cismei e passei a estudar aquelas passagens mais difíceis, até que apareceu uma estrela e a voz começou a correr livremente. Eu já tinha encontrado o caminho da linha melódica, o caminho para a voz ir de encontro àquela melodia do Villa.

Hoje, já devo ter cantado as *Bachianas n.5* mais de 50 vezes, acompanhada de violoncelos. Depois, me tomei de paixão pela obra de Villa-Lobos, que não sai mais de nenhum programa meu. O meu contato com Villa é um contato de amor, não é mera organização de programa, não é por ele ser o mais importante compositor deste país. Villa é uma força telúrica incrível e esta é a sua maior virtude. Ele tem a força da nossa terra sempre presente em sua obra. As *Bachianas*, por exemplo: não pode haver melodia mais inspirada que as *Bachianas*. É uma obra que me comove muito. (GODOY, 1981: 15).

Em junho de 1953, a imprensa carioca noticiou o retorno de Maria Lúcia Godoy a Belo Horizonte por meio do anúncio de um recital de despedida, que foi transmitido pela Rádio Nacional do Brasil, como podemos verificar na Figura 7, a seguir:

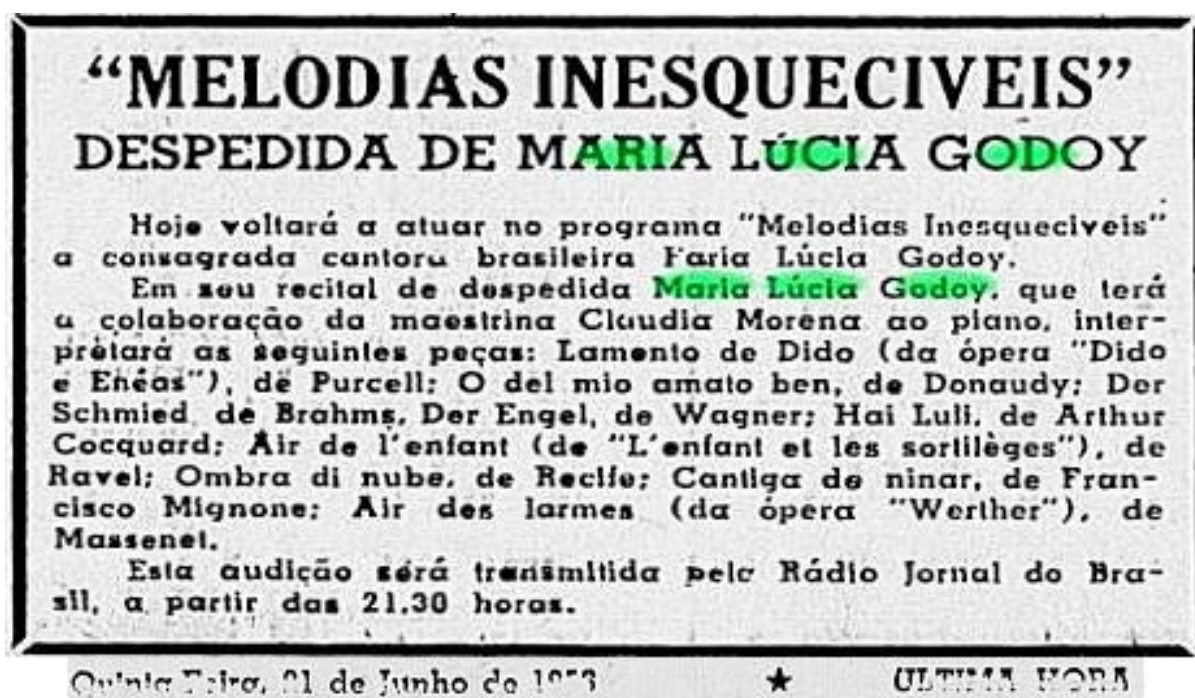


Figura 7: Anúncio do recital de despedida de Maria Lúcia Godoy do R J. Jornal Última hora, 1953.

Ao retornar a Belo Horizonte⁴, a artista contribuiria de maneira inegável para o surgimento de um grupo vocal com trajetória única no país, celebrado pelo público e pela crítica, reconhecido por OLIVEIRA (2015: 7) como “responsável direto pelo início de uma modificação da percepção de coros no Brasil a partir de sua criação”: o coro Madrigal Renascentista.

1.3 Maria Lúcia Godoy e o coral Madrigal Renascentista

Fundado por iniciativa do maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca (1933-2006) e de seus amigos Isaac Karabtchevsky (1934) e Carlos Eduardo Prates (1934-2013), a atuação do coro Madrigal Renascentista teve como consequência o surgimento de um novo patamar na realização da música coral não apenas em Minas Gerais, mas em todo o Brasil. LIMA (2019) nos mostra parte da movimentação cultural ocorrida em Belo Horizonte com a criação da Sociedade Coral de Belo Horizonte:

Instituída em 25 de março de 1950, a Sociedade Coral de Belo Horizonte (SBH) nascia da mobilização de devotados artistas líricos e intelectuais mineiros que, ressentidos de uma década incipiente em atividades no campo da música lírica após a venda, em 1941, do Teatro Municipal de Belo Horizonte para a iniciativa privada, uniram forças para a criação de uma entidade destinada a fomentar o canto lírico na capital mineira (LIMA, 2019: 19).

Por sua vez, OLIVEIRA (2015) apontou que:

É na década de 1950, portanto, de um modo nunca visto, que a música coral começa a florescer em Minas: o maestro Sergio Magnani, sobre quem falaremos no decorrer do trabalho, recém-chegado à capital mineira, assumiu a regência do Coro da Sociedade Coral de Belo Horizonte, criado em 1949, com o objetivo de formar cantores para a execução de óperas na cidade. Pouco mais tarde, em 1956, três estudantes de música da Escola Livre de Música de São Paulo, Isaac Karabtchevsky, Carlos Alberto Pinto Fonseca e Carlos Eduardo Prates, em férias em Belo Horizonte, reuniram um grupo de alunos do Conservatório Mineiro de Música para um estudo conjunto de partituras do período da Renascença. Os resultados da ideia logo se mostraram entusiasmantes e a partir dessa iniciativa os envolvidos resolveram estruturar um novo coro que, para e por executar, a princípio, tal estilo musical, passou a se denominar Madrigal Renascentista (OLIVEIRA, 2015: 13).

⁴ Maria Lúcia Godoy manteve residência no Rio de Janeiro por 40 anos, alternando sua estada entre a cidade do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, cidade onde atualmente reside.

Pelas buscas efetuadas para a realização deste trabalho, torna-se impossível dissociar o nome de Maria Lúcia Godoy do sucesso obtido pelo Madrigal Renascentista. Citando novamente OLIVEIRA (2015):

Com todo respeito aos solistas que o Madrigal Renascentista conheceu nos seus primeiros momentos, pode-se afirmar que nenhum teve tanta importância para o coro quanto Maria Lúcia Godoy. Diferentemente de alguns outros, a cantora não se fez no Madrigal, mas foi chamada especialmente para assumir o papel de solista, pelo qual já era conhecida em 1956, tendo vencido concursos e cantado em óperas apresentadas pela Sociedade Coral de Belo Horizonte. (OLIVEIRA, 2015: 102).

O Madrigal Renascentista obteve êxito não apenas em nível nacional, pois excursionou também pela Europa e América do Sul. Do período no qual Maria Lúcia Godoy esteve como principal solista desse grupo vocal, destacamos uma excursão em oito países europeus, 350 apresentações em seus primeiros três anos de existência, apresentações no Chile e Argentina (com destaque para concerto realizado no Teatro Colón) e participação na inauguração de Brasília. Desse último evento citado, apresentamos as palavras do então presidente Juscelino Kubitschek, inseridas em matéria da **Revista Manchete** de 2001, em sua edição 2523:

A emoção do sonho realizado. Durante a missa de inauguração de Brasília, rezada pelo Cardeal Cerejeira, representante do Papa João XXIII, o Presidente JK não conseguiu se conter: “Quando olhei a minha volta e vi a multidão contrita, chorando, cobri o rosto com a mão, e quando dei fé de mim as lágrimas também corriam de meus olhos”. (**MANCHETE**, 2001, p.41apud SABETI, 2020: 20).

Posteriormente, Maria Lúcia Godoy seria a única integrante do Madrigal Renascentista convidada a cantar no sepultamento de Juscelino Kubitschek. Amigos desde primeiro contato, a artista lembrou em uma entrevista concedida ao professor Mauro Chantal: “Lembro-me do Juscelino telefonando para minha casa e dizendo que ‘Está uma lua linda aqui. Venha para cá para cantarmos serenatas para todos!’”.

A Figura 8, a seguir, nos mostra uma foto do acervo particular de Maria Lúcia Godoy, na qual podemos visualizar o compositor Dilermando Reis (1916-1977) junto ao violão, e Maria Lúcia Godoy ao lado de Juscelino Kubitschek:



Figura 8: Serenata em Diamantina, com destaque para o trio Dilermando Reis ao violão, Maria Lúcia Godoy e Juscelino Kubitschek na primeira fila à esquerda. Fonte: SABETI, 2020: 17.

Por toda a trajetória percorrida nacionalmente até a criação desse coro, o *know-how* obtido por Maria Lúcia Godoy reforçava o trabalho realizado pelo maestro Isaac Karabtchevsky, que também foi casado com a artista. Maria Lúcia Godoy contribuiu significativamente para o sucesso do grupo. Sempre aclamada por todos, recebeu do ex-presidente Juscelino Kubitschek, grande entusiasta do Madrigal Renascentista, o seguinte elogio: "A mais bela, a mais comovente, a mais importante voz deste país". (GODOY, 2014: 27).

Nas palavras da própria artista, podemos ter um panorama de sua atuação junto ao Madrigal Renascentista:

O pequeno grupo era composto pela classe média da cidade. Alguns estudantes de música reuniam-se na residência do jovem maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca, em Belo Horizonte. O grupo consolidou-se. Foi essa casa que abrigou os primeiros ensaios, liderado posteriormente pelo jovem e talentoso regente Isaac Karabtchevsky. Logo depois, eles seriam transferidos para a residência da família Godoy, na Rua São Paulo, que contribuía com muitas vozes, sobretudo a da solista Maria Lúcia Godoy. Em 2 de fevereiro de 1956, o Madrigal Renascentista fez o seu primeiro recital. O palco foi a sede social da Sociedade

Mineira de Engenheiros, então situada na avenida Álvares Cabral, esquina com a rua Goiás. No repertório, canções do período da Renascença e obras do folclore brasileiro.

O indiscutível sucesso da primeira audição teve como melhor consequência a consolidação de um trabalho inédito na cidade. No dia 5 de dezembro de 1957, quase dois anos após a estreia, o grupo, até então na informalidade, seria institucionalizado: nascia o Madrigal Renascentista Sociedade Civil. O reconhecimento não ficou restrito ao público e à crítica. Os meios oficiais lhe renderam homenagens e, em 1958, com apoio do presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, o coro empreendia, com muito sucesso, a primeira turnê internacional, apresentando-se em diversos países do continente europeu. O encanto de nossa autoridade máxima pelo grupo foi tal que, em 1960, viria formalmente o convite para que o Madrigal cantasse nas solenidades de inauguração da nova capital. Lá, sob a batuta do maestro Isaac Karabtchevsky, foi entoada a Missa da Coroação de Mozart, da qual fui uma das solistas (GODOY, 2014: 20).

O apoio recebido pelo Madrigal Renascentista pelo pai de Maria Lúcia Godoy foi tamanho que foi construída uma sala para abrigar os ensaios do grupo. Segundo Maria Amélia Godoy, uma das irmãs Godoy: “Meu pai construiu uma ampla sala que nós chamávamos de Solidão para os ensaios do coro. Dele recebemos um apoio incondicional⁵”.

Ainda sobre a presença e a voz de Maria Lúcia Godoy no Madrigal Renascentista, OLIVEIRA (2015) registrou que:

Maria Lúcia tinha um papel no coro que ultrapassava o de simples solista. O convite para que ela participasse da primeira formação intencionava dar à apresentação um aprimoramento que não seria conseguido somente com os coristas, o que não tem a ver com a qualidade vocal dos cantores, mas com a condição de engrandecer o grupo que, à época, a solista já possuía. Além disso, conforme relato de colegas de naipe, Godoy tinha uma qualidade que nem sempre se encontra em outros cantores solistas, que é a de moldar as outras vozes à sua, aumentando os harmônicos do naipe em que canta e propiciando uma qualidade sonora mais homogênea e ampla. Acrescente-se a isso a paixão que a cantora tomou pelo coro, o qual, e ao longo dos anos, ela procurou tornar profissional, empenhando-se ainda para que conseguisse mais apoio dos poderes públicos (OLIVEIRA, 2015: 103).

Parte da arte realizada por esse coro na época em que Maria Lúcia Godoy atuou como sua principal solista, pode ser apreciada no LP *Madrigal Renascentista*, lançado em 1959. As atividades de Maria Lúcia Godoy junto ao Madrigal Renascentista duraram pouco mais de uma década. Ainda segundo OLIVEIRA (2015):

⁵ Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2019.

Já reconhecida e premiada como cantora antes da criação do Madrigal Renascentista, a soprano aceitou fazer parte do grupo e, juntamente com alguns dos seus irmãos, se tornou um dos principais esteios do coro até 1968, quando se separou de Karabtchevsky, com o qual havia se casado em 1967 (OLIVEIRA, 2015: 22).

1.4 Estudos e *performances* no exterior: ascensão artística

Em 1958, apoiada por Juscelino Kubitschek (1902-1976), presidente do Brasil naquele ano e grande admirador de sua voz, viajou em turnê pela Europa como principal solista do Madrigal Renascentista, dando início à sua carreira internacional. Foi durante essa viagem que a artista participou do concurso de canto da *Hochschule für Musik*, conquistando o primeiro lugar e recebendo como prêmio uma bolsa de estudos do governo alemão. Na ocasião, após o término da turnê, o Coral Madrigal Renascentista retornou para o Brasil e Maria Lúcia Godoy permaneceu no exterior, na cidade de Freiburg, onde teve aulas de canto com Marguerite von Winterfeld (1902-1978).

Ao retornar para o Brasil, Maria Lúcia Godoy voltou a integrar o coral Madrigal Renascentista, com o qual mais uma vez saiu em turnê pelo exterior, dessa vez o destino é os Estados Unidos, onde o grupo apresentou-se de costa a costa. Maria Lúcia Godoy decidiu, à época, permanecer mais tempo naquele país, o que foi decisivo para outra passagem marcante de sua trajetória, pois teve a oportunidade de encontrar-se com Bidu Sayão (1902-1999), celebrada como a cantora brasileira de maior projeção no exterior. Após a realização de sua estreia nos Estados Unidos, Maria Lúcia ouviu de Bidu Sayão o seguinte comentário: "Você é a única pessoa que pode me substituir".

Sobre essa passagem, citamos um trecho do programa de concerto *Villa-Lobos Eterno*, uma homenagem do Prêmio Shell ao grande mestre da música brasileira, realizado no dia 16 de dezembro de 1981:

Foi quando Dora Vasconcellos, embaixadora do Brasil na época, se propôs a apresentá-la uma cantora brasileira de renome internacional: Bidu Sayão. Marcado o encontro, Bidu fez questão de ser o mais objetiva possível: "Olha – disse-lhe ela – "eu sou muito crítica, muito sincera e não gosto de enganar ninguém." Com o seu jeito simples Maria Lúcia ponderou que não tinha comparecido ao encontro para cantar, mas "para conhecer a maior cantora brasileira de todos os tempos". Eu não trouxe partituras nem pianista – disse-lhe. – Vim aqui apenas para te conhecer. Mas Bidu resolveu ouvir Maria Lúcia e pediu para que ela cantasse mesmo sem acompanhamento. Cantou e depois ouviu os elogios da famosa artista: "Você é a única pessoa que pode me substituir". Em seguida, Bidu levantou-se, pegou o telefone e ligou para o

empresário Arthur Judson, que marcou entrevista para o dia seguinte no Carnegie Hall. De manhã – recorda Maria Lúcia – lá estava eu cantando feito passarinho, cantando mineiramente. Mas eu não queria saber de gaiola profissional nenhuma. O empresário perguntou quando ela poderia assinar contrato e Maria Lúcia revelou, então, que, por questões profissionais, no dia seguinte estaria voltando para o Brasil. A própria Bidu Sayão não entendeu tal atitude: “Mas como? Levei cinco anos para cantar para um empresário aqui nos Estados Unidos. Você tem a oportunidade de assinar um contrato e vai embora?” Não houve nada que a prendesse. Regressou no dia seguinte, mas em poucas semanas recebia carta do empresário, convidando-a para abrir a temporada da American Symphony no Carnegie Hall, com Leopold Stokowsky. Alguns meses depois, os cartazes do Carnegie Hall passaram a anunciar: “Stokowsky Presents Brazilian Soprano Maria Lúcia Godoy”. (Programa de Concerto Villa-Lobos Eterno1981: 14 apud SABETI, 2020: 20).

Na Figura 9, a seguir, uma fotografia do encontro de Maria Lúcia Godoy com Bidu Sayão, que aposentada à época prestigiou a apresentação de Godoy interpretando a *Bachianas N. 5* no Carnegie Hall, Nova York, sob regência de Leopold Stokowski. Posteriormente, as duas artistas se reencontraram no Rio de Janeiro, mais especificamente no dia 20 de novembro de 1969, quando o Teatro Municipal do Rio de Janeiro apresentou em primeira audição a obra *A Floresta do Amazonas*, de Villa-Lobos, sob regência de Mário Tavares (1928-2003) e solos de Maria Lúcia Godoy. Na ocasião, Bidu Sayão, que havia gravado essa obra sob regência do próprio compositor em 1959, retornou ao Brasil especialmente para essa apresentação.



Figura 9: O primeiro encontro de Maria Lúcia Godoy com Bidu Sayão, em 1967, nos Estados Unidos. Na ocasião, Sayão declarou que Maria Lúcia seria sua única sucessora. Fonte: SABETI, 2020: 21.

A voz de Maria Lúcia Godoy ecoou em diversos países. Em suas turnês apresentou-se junto a orquestras de grande importância e renome internacional, como a English Chamber Orchestra, a Orchestre Philharmonique de Monte-Carlo, a Houston Symphony, a Contrapuncti Music Orchestra, a Detroit Symphony Orchestra, a Tulsa Philharmonic, além das principais orquestras brasileiras, dentre elas a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e a Orquestra de Câmara Pró-Música. Posteriormente, obteve a atenção de críticos ao se apresentar em países como Alemanha, Espanha, França e Holanda, foram inúmeros concertos pela América Latina e Estados Unidos. A partir de seu contato com Stokowski, Godoy cantou com a Philadelphia Orchestra no Lincoln Center, partindo em turnê americana de costa a costa, obtendo grande sucesso de público e crítica. A cantora se apresentou, ao longo de sua carreira, em importantes salas da Europa. Cantou ainda em mais de 30 cidades do Japão, no Oriente Médio e na América Latina, sempre apresentando obras brasileiras.

Foi regida por nomes como Isaac Karabtchevsky, Henrique Morelenbaum (1931), Mário Tavares, Johannes Hoemberg (s.d.) e Roberto Duarte (1941), Sixten Erhling (1918-2005), Ernest Bour (1913-2001), Franco Autori (1903-1990), Thomas Baldener (1928-2015) e Clyde Roller (1914-2005). Das diversas críticas internacionais que recebeu, selecionamos a seguir uma publicada pelo The Philadelphia Inquirer, após sua apresentação com a Philadelphia Orchestra, interpretando a *Sinfonia* Nº 2, de Gustav Mahler:

Ao interpretar a *Sinfonia* Nº 2, de Mahler, com a Philadelphia Orchestra, seu estilo foi sonhadamente extraterreno e sua facilidade em flutuar nas longas frases e sua surpreendente musicalidade foram comoventes. A qualidade da voz, veludo (GODOY, 2014: 92).

Entre suas viagens, uma se destacou, por se tratar de um sonho de Maria Lúcia, visto que ela desejava conhecer o Japão. O convite aconteceu por meio da Associação Villa-Lobos do Japão, em nome do maestro Murakata. Tratava-se de uma turnê por várias províncias japonesas. A primeira cidade a receber a voz de Maria Lúcia foi Tóquio, no dia 28 de outubro de 1969. E foi nessa cidade que Godoy foi convidada a lecionar canto e interpretação da música brasileira, especialmente Villa-Lobos, para estudantes de uma das maiores universidades de música do Japão, a Tokyo-Gedai.

Como forma de enaltecer a cultura japonesa e celebrar esse encontro,

nasceu a ideia de gravar um CD em comemoração aos 100 anos de amizade entre Brasil e Japão. Registramos passagens de sua trajetória que nos pareceram mais significativas. Contudo, seu histórico de atuação possui ainda inúmeras apresentações, nas quais se transformou em quase todas em flâmula da música brasileira.

1.5 Inspiração para compositores brasileiros, estreias e poemas musicados

Já no início da década de 1950, mais precisamente no ano de 1952, Maria Lúcia Godoy recebeu do compositor mineiro Carlos Alberto Pinto Fonseca a dedicatória em duas de suas composições, a saber, *Escuta moreno* e *Berceuse*, ambas com texto poético do compositor. Outro compositor brasileiro que dedicou sua pena à voz de Maria Lúcia Godoy foi Francisco Mignone. Amigo próximo da cantora e parceiro também de gravações, Mignone dedicou a Maria Lúcia Godoy o total de 14 canções, a saber, *Tríptico da saudade* (*Quando a saudade chegar, Si eu sei o que é saudade... e Quando eu não conhecia a saudade*), *Liberdade*, *Nuvem*, *Zodiacal*, *Modinha*, *Noturno sertanejo*, *Valsa vocalize*, *Assombração*, *Canção da mãe paupérrima*, *Canto de negros*, *Pinhão quente* e *Quando na roça anoitece*. Dessas, *Liberdade*, *Nuvem* e *Zodiacal* possuem texto poético de Maria Lúcia Godoy. Além dessas canções, Mignone musicou também outro texto de autoria da artista, o poema *Onde a flor se via*.

O mineiro Pedro de Castro (1895-1978), pianista e professor que chegou a ser diretor do Conservatório Mineiro de Música, teve também Maria Lúcia Godoy como musa, tendo dedicado a ela a canção *Rio enamorado*, que possui texto poético de Artur Ragazzi (1879-1948). O título *Vem o vento*, para soprano e quarteto de violoncelos, composto por Bruno Kiefer (1923-1987) foi dedicado a Maria Lúcia Godoy. Essa obra possui texto poético de Carlos Nejar (1939).

Apresentamos, ainda, a canção *Mãe d'água*, composta por Guerra-Peixe (1914-1993) em 1969, especialmente para o disco *Maria Lúcia Godoy e o canto da Amazônia*. Mesmo não tendo composto nenhuma canção para a artista, o compositor paraense Waldemar Henrique (1905-1995), a quem era muito próximo, valeu-se de um texto poético de Maria Lúcia Godoy para compor a canção *Entretanto, eu canto*⁶.

⁶ Penha Vasconcelos Sabeti, um dos autores deste artigo biográfico, desenvolve atualmente pesquisa em nível de Doutorado sobre o acervo de partituras de Maria Lúcia Godoy, doado pela família ao professor Mauro Chantal, seu orientador.

Em relação às estreias realizadas por Maria Lúcia Godoy, citamos algumas a seguir:

- *Let's make an opera*, de Benjamin Britten (1913-1976) (estreia nacional);
- *Roméo et Juliette* e *L'enfance du Christ*, de Hector Berlioz (1803-1869) (estreia nacional);
- *Procissão das Carpideiras*, de Lindembergue Cardoso (1939-1989);
- *O Canto Multiplicado*, de Marlos Nobre (1939) (dedicado à cantora);
- *Canto Ants*, de Rufo Herrera (1933);
- *Heterofonia do tempo ou Monólogo da multidão*, de Fernando Cerqueira (1941);
- *Poesia em tempo de Fome*, de Willy Corrêa de Oliveira (1938);
- *Canticum Naturale, Desafio e Romance de Santa Cecília*, de Edino Krieger (1928);
- *Agrupamento em 10*, de Cláudio Santoro (1919-1989);
- *Pequenos funerais cantantes ao poeta Carlos Maria Araújo*, de Almeida Prado (1943-2010);
- Samba clássico e A Floresta do Amazonas, de Villa-Lobos (1887-1959) (estreia nacional);
- Tiradentes, ópera de Manuel Joaquim de Macedo Junior (1845-1925) (estreia mundial).

Ao analisarmos as obras estreadas por Maria Lúcia Godoy, podemos concluir que além do repertório tradicional, cuja atenção é devida aos profissionais que almejam uma carreira nos palcos, percebemos que sua atenção para com obras contemporâneas reforça que essa artista se presta também às obras de seu tempo, contribuindo de maneira decisiva não apenas para a manutenção de composições consagradas, mas também para o crescimento e desenvolvimento constantes da história da música no Brasil.

Em 2015, Maria Lúcia Godoy teve musicados quatro de seus poemas, datados de sua infância que integram seu livro infantil *Ninguém reparou na primavera*, que se encontra em sua terceira edição. Os títulos musicados são: *Eu queria ser...*, *Peixinho dourado*, *O sapo e Bichin, bichin*, e a autoria dessas canções para coro infantil a duas vozes é de Mauro Chantal, que teve esse conjunto de peças publicado pela revista **Arteriais** (Universidade Federal do Pará - UFPA) em seu primeiro volume.

1.6 A discografia de Maria Lúcia Godoy

A discografia de Maria Lúcia Godoy tem seu foco voltado para a canção de câmara brasileira. Seus registros em LPs e posteriormente em CDs tiveram início na década de 1960, cobrindo um espaço de seis décadas, visto que seu último trabalho em estúdio foi lançado em 2017.

MARIZ (2002: 262), ao comentar sobre a voz “aveludada” de Maria Lúcia Godoy, cita suas gravações nas décadas de “setenta e oitenta, quando era considerada a melhor camerista do Brasil”. Fato é que sua obra fonográfica se constitui de inegável valor artístico, histórico, visto que a artista realizou primeiras gravações de diversas obras, e também didático, pois sua pronúncia do português cantado é reconhecido até mesmo no exterior, servindo seus discos para auxílio na correta pronúncia de nossa língua aplicada ao cantor.

Para a realização deste trabalho, localizamos ao todo 25 títulos, entre LPs e CDs, listados e comentados, a seguir:

- *Madrigal Renascentista* (1959), lançado pela Chantecler;
- *Maria Lúcia Godoy canta poemas de Manuel Bandeira* (1968), Museu da Imagem e do Som;
- *Maria Lúcia Godoy e o canto da Amazônia* (1969), Museu da Imagem e do Som;
- *Os senhores da terra* (1970), Museu da Imagem e do Som;
- *Hinos do Brasil* (1974), Deutsche Grammophon;
- *I Festival de Música da Guanabara* (1974), Fermata;
- *Maria Lúcia Godoy interpreta Villa-Lobos* (1977), Polygram/Philips;
- *Wagner Tiso* (1978), EMI- Odeon;
- *Maria Lúcia Godoy e a canção popular brasileira e napolitana* (1979), Philips;
- *A canção brasileira: Maria Lúcia Godoy e Maria Lúcia Pinho* (1980), CBS;
- *Frutuoso Vianna na interpretação de Maria Lúcia Godoy e Miguel Proença* (1982), Arsis;
- *14 Serestas de Villa-Lobos* (1983), Polygram;
- *Cantares de Minas* (1985), Philips;
- *Maria Lúcia Godoy – Momentos* (1988). Comemorativo dos 60 anos do jornal Estado de Minas;

- *Floresta do Amazonas* (1988), Edição do Banco do Brasil;
- *A obra de canto de Oscar Lorenzo Fernandez* (1993);
- *Marlos Nobre: Orchestral, Vocal, Chamber Works*. (1995), Leman Classics;
- *Centenário da Amizade Brasil-Japão* (1995), AG Artes Produções;
- *Mahler: Symphony Nº 2 (Sinfonia da Ressurreição)*, gravação ao vivo, relançada posteriormente em formato CD pela ARKADIA, em 1995;
- *Trajetória* - Ronaldo Miranda (1998), Rio Arte Digital;
- *Modinhas imperiais* (2002), Ministério da Cultura;
- *Maria Lúcia Godoy canta Brasil-Itália* (2006), Ministério da Cultura/CEMIG;
- *15 canções de Hekel Tavares* (2008), Independente;
- *Composições de Paurilo Barroso* (s.d.) Governo do Ceará;
- *Acalantos* (2017), Ministério da Cultura.

Um disco que chegou a ser anunciado pela imprensa carioca no início da década de 1970 apresentaria a colaboração entre Maria Lúcia Godoy e Tom Jobim (1927-1994). Segundo a **Revista Manchete**, em publicação de 1971, em sua edição 0976 anunciou: “Ano que vem o autor de *Garota de Ipanema* e *Sabiá* vai gravar um disco que já nasce clássico. Ao piano Antônio Carlos Jobim. Cantando, a maravilhosa Maria Lúcia Godoy”.

O autor de *Garota de Ipanema* compôs a canção *Sabiá*¹⁶ tendo como inspiração Maria Lúcia Godoy. A própria artista relatou um encontro com o compositor, que se expressou da seguinte maneira: “Maria Lúcia, gostaria que você cantasse essa canção; é pensando em sua voz que a estou compondo! É para você”. Godoy cita também um bilhete deixado por Jobim: “Maria Lúcia, eu te amo. Nós vamos fazer um disco juntos, Tom” (GODOY, 2014: 116).

Sabiá, que posteriormente foi lançada no Festival Internacional da Canção – FIC. O primeiro lugar alcançado por Tom Jobim, em parceria com Chico Buarque (1944), nos faz pensar em como seria um disco com canções de Tom Jobim na voz de Maria Lúcia Godoy. Para a artista, a certeza de uma parceria futura demonstra sua imaginação rica em fantasia, sempre presente em seu pensar o mundo:

Sim, meu caro Tom. Um dia, após a grande e derradeira viagem, nos encontraremos e eu, quebrada a timidez terrena, cobrarei de você o nosso disco, e a lua no céu, girando, girando, tocará as canções inéditas do gênio Tom Jobim: é só ter ouvidos para ouvi-las (GODOY, 2014: 117).

Os registros em áudio de Maria Lúcia Godoy cumprem, além de uma função artística, uma função didática, visto que sua articulação do português cantado é reconhecida como exemplo para estudantes e estudiosos da canção brasileira.

Em seu acervo pessoal, a artista possui registros de recitais realizados tanto no Brasil quanto no exterior, do período em que cantava como *mezzosoprano*, assumindo, posteriormente, sua classificação como soprano. Neste sentido, acreditamos que outras produções de CDs possam vir à luz, apresentando trabalhos inéditos da artista.

1.7 Musa: Maria Lúcia Godoy e sua influência na poesia, nas artes plásticas e no cinema

A formação acadêmica, a figura e a personalidade da artista permitiram a ela trânsito em diversos setores das artes, com parcerias e contatos com artistas diversos. Orgulho de Minas Gerais (ela se declara "mineira da gema"), a beleza e o talento de Maria Lúcia Godoy inspiraram artistas que admiravam como figura pública. Neste sentido, citamos a homenagem pelo poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), que em 1975 escreveu:

Lembrar as serras de Minas, Demolidas, como dói!

Mas me consolo se escuto Maria Lucia Godoy

Foi-se o ferro de Itabira? Ouro não se destrói!

Está na voz da mineira Maria Lúcia Godoy (GODOY, 2014: 17).

Posteriormente, a artista dedicaria a Carlos Drummond de Andrade e também à sua filha Julieta um de seus livros, a saber, *O boto cor-de-rosa* lançado em 1987, ano de falecimento do poeta e de sua filha.

A artista é inspiração também para artistas plásticos. Desses, destacamos neste artigo o retrato a óleo assinado por Inimá de Paula (1918-1999), que pode ser visualizado na Figura 10, a seguir:



Figura 9: Maria Lúcia Godoy em retrato de Inimá de Paula (s.d.). Fonte: SABETI, 2020: 57.

Alberto Delpino Júnior (1907-1976) retratou Maria Lúcia Godoy em 1954, como podemos visualizar na Figura 11, logo abaixo. Posteriormente, exatamente 54 anos depois, o trabalho de Delpino Júnior ilustrou a capa do CD de Maria Lúcia com canções de Hekel Tavares.



Figura 11: Maria Lúcia Godoy pelas mãos de Alberto Delpino Júnior (1954). Fonte: SABETI, 2020: 58.

De Ricardo Wagner (s.d) apresentamos pintura a óleo representando o rosto de Maria Lúcia Godoy. Assinada em 1988 e representada na Figura 12 logo abaixo, essa tela ilustra a capa do LP *Momentos*, lançado em 1988.



Figura 12: Maria Lúcia Godoy retratada por Ricardo Wagner (1988). Fonte: SABETI, 2020: 59.

Outro retrato da artista foi assinado por Guga Schultze, pseudônimo de Rodrigo Godoy (s.d.), e pode ser visualizado na Figura 13, a seguir:



Figura 13: Maria Lúcia Godoy retratada por Guga Schultze. Fonte: SABETI, 2020: 60.

Apresentamos, ainda, uma ilustração de Inimá de Paula criada para o poema *Zodiacal* de Maria Lúcia Godoy. Esse poema foi publicado pelo jornal **Estado de Minas**, e foi utilizado pelo compositor Francisco Mignone em canção homônima. Um excerto do referido desenho de Inimá de Paula pode ser visualizado na Figura 14, a seguir, e o registro do poema segue logo após.



Figura 14: Excerto da ilustração que Inimá de Paula criou para o poema *Zodiacal* de Maria Lúcia Godoy.
Fonte: SABETI, 2020: 61.

Zodiacal – Maria Lúcia Godoy

Vem de Minas, certamente, um jeito estranho de ser,
Um jeito meio sem jeito de estar no meio das gentes,
e, ao mesmo tempo, não estar.

Um certo gosto ao equilíbrio que não se pode quebrar.

Acheço ao recolhimento, à crítica, à insubmissão.

Melancolia que surge nas sendas da solidão.

Timidez, insegurança, porém, coragem feroz na hora que for preciso.

Indiferença por tudo que não seja singular.

Ingenuidade, por certo, nas coisas que lhe convém.

Desconfiança constante que as pessoas são mutáveis
como os caminhos dos ventos.

Um apego à terra, à gente, mas é bom que não se tente desvendar-lhe
o coração que se guarda a sete chaves nas profundezas do mundo – E mudo,
assim se consome em sofrimentos banais.

Mineira sou e guerreira de Virgem tenho os si(g)nais
tão simples quanto maneira bem ao jeito das Gerais.

A artista ainda esteve presente no cinema nacional, por meio de sua atuação e/ou de seu canto. Participou de produções como *Os Senhores da Terra* (1970), de Paulo Thiago; *Navalha na carne* (1997), de Neville de Almeida; *Glauber, o filme - Labirinto do Brasil* (2003), de Sílvio Tendler e *Poeta de 7 faces* (2002), de Paulo Thiago. Este último é um documentário dividido em três etapas, que correspondem às fases distintas da obra de Carlos Drummond de Andrade e relatam um pouco de sua história. Maria Lúcia Godoy carregava consigo um verdadeiro encantamento pelo poeta e sua obra. O documentário, destinado a homenagear Carlos Drummond de Andrade contou com a participação especial da artista que entoou a *Cantiga do viúvo*, composição de Villa-Lobos e poema de Carlos Drummond de Andrade.

Registramos também a voz da artista na canção *Mãe d'água*, de Edino Krieger, presente no filme *Rua Descalça*, de J. B Tanko (1906-1993), de 1971.

1.8 A obra literária de Maria Lúcia Godoy

A literatura sempre esteve presente na trajetória de Maria Lúcia Godoy. Em sua formação, quando criança, escreveu inúmeros poemas. Mais tarde, a lembrança dessas criações foi revisitada pela própria artista em seu discurso quando da outorga do título de Doutora *Honoris Causa*, marcante passagem de sua biografia:

Desde a infância, os jornais se interessavam por aquela menina que fazia versos e entendia coisas. “Enquanto as outras brincam com bonecas, Maria Lúcia, uma garota de 7 anos, faz versos modernistas”, dizia uma das notas (GODOY, 2016: 2).

Ao todo, foram publicados cinco livros infantis que refletem sua atenção e preocupação com a natureza, desde sua infância. Além de sua produção como autora de livros infantis, a artista manteve uma coluna semanal no jornal **Estado de Minas** por mais de uma década. Os títulos dos livros de Maria Lúcia Godoy seguem listados, a seguir:

Lançado em 1985 pela Editora Lê, o livro *Ninguém reparou na primavera*, ilustrações de Ana Raquel (1950), apresenta a seguinte dedicatória aos pais de Maria Lúcia Godoy: “À memória de meus pais que me desvendaram as maravilhas do mundo”. Este trabalho contém poemas escritos pela artista dos sete aos 11 anos, reflexos de sua visão da natureza em Belo Horizonte. Além dos poemas, há um depoimento de Pitucha Godoy Renault, transcrito a seguir:

Lúcia é minha irmã. Foi ela quem me deu o apelido de Pitucha, porque, quando nasci, me parecia com a boneca do livro...
Desde pequena, via minha irmã escrever poeminhas na escola e mamãe, cuidadosa e interessada a guarda-los com carinho.
Lúcia era redatora chefe de um jornal infantil, e costumava ficar horas à janela da sala olhando o vôo dos pássaros e as flores do jardim, como que se inspirando em tudo quanto fosse forma de vida da natureza.
E eis aí o resultado – estes poemas de profundo lirismo e ternura, assim como o seu próprio canto – puros e belos.
Minha irmã, a maior cantora do Brasil, lança agora aqueles seus poemas da infância, da qual participei, com muito orgulho!

Lançado pela Rio Gráfica Editora em 1985, *Um passarinho cantou* apresenta ilustrações de Eliardo França (1941). Lançado também no ano de 1985 pela Editora Lê, *Fruta no pé* apresenta rimas nas quais a autora se vale do tradicional jogo “O que é, o que é?” para que o leitor infantil adivinhe nomes de diversas frutas. Este trabalho

contou também com ilustrações do desenhista e pintor Guga Schultze, que também ilustrou o livro *Boto cor-de-rosa* (Figura 15), lançado em 1987 pela Editora Lê. Este trabalho, como citado anteriormente, dedicado à memória do poeta Carlos Drummond de Andrade e à sua filha Maria Julieta (1928-1987).

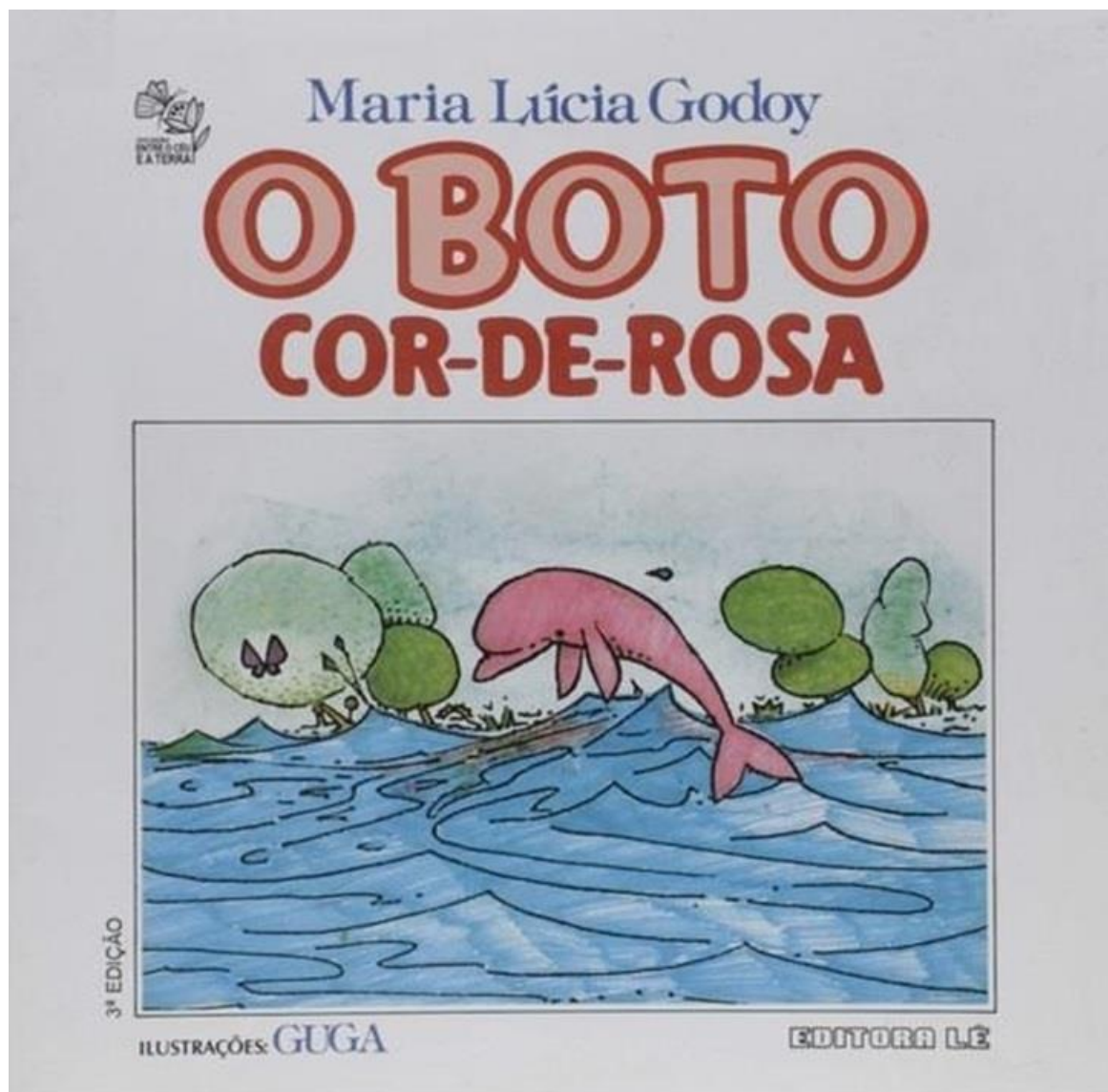


Figura 15: Capa do livro *O boto cor-de-rosa* de Maria Lúcia Godoy, lançado em 1987.

Além dos livros infantis de Maria Lúcia Godoy, inúmeras crônicas suas foram publicadas semanalmente no jornal **Estado de Minas**. Por 11 anos, a artista imprimia suas opiniões a respeito de diversas questões. Alguns desses textos foram incluídos em seu último livro, *Guardados de Maria Lúcia Godoy*, lançado em 2014 pela SESI- SP Editora, cuja capa podemos visualizar na Figura 16, a seguir:

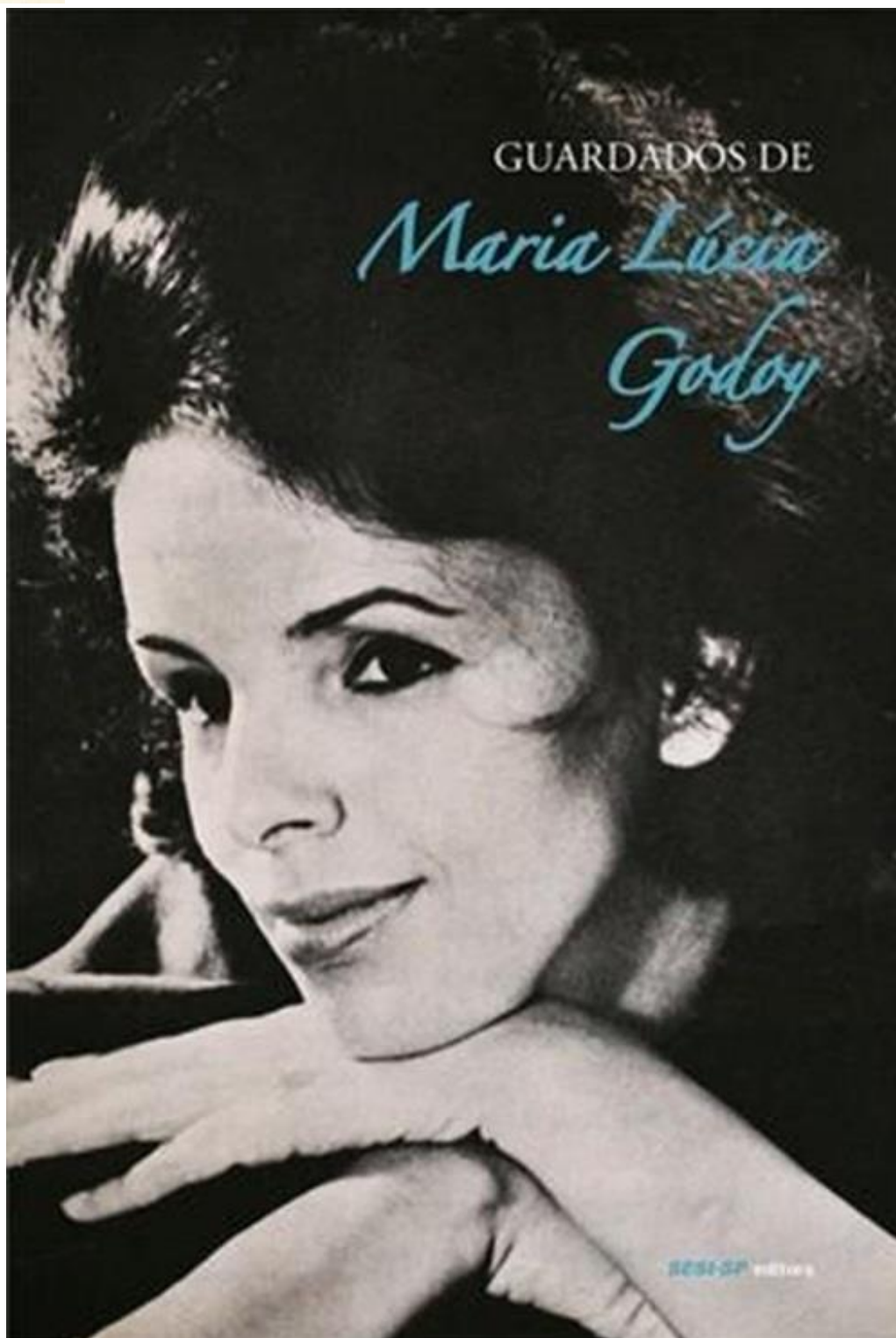


Figura 16: Capa do livro *Guardados de Maria Lúcia Godoy* lançado em 2014. Fonte: SABETI, 2020:66.

Leitora e declamadora constante, significativa é sua produção de textos que permanecem em seu acervo particular. Destes, transcrevemos a seguir o *Poema da voz*, escrito em 24 de abril de 1988, que ilustra sua concepção sobre seu próprio instrumento:

Poema da voz

A voz – minha bandeira
Meus alados tesouros
Minha arma secreta
Meu álibi, meu cacife no fogo
Minhas conquistas baratas
Meu êxtase, minha covardia

É a voz que me desafia
Me consome, santifica
Fere as cordas mais tenras
Tange a lira das almas
Afaga os santos no altar

Já nem sou eu, é a voz que me diz
Voz que me ata, me desata, me maltrata
Me lança ao fundo do poço
Me alça ao cimo do monte
Abra as asas sobre mim

A voz, meus disfarces todos
Meus guardados, minha soberba
O outro lado da face
O mais frágil e aparente
Meu sentimento do mundo
A voz.

1.9 A voz e a técnica de Maria Lúcia Godoy

Ao buscarmos informações na imprensa brasileira sobre a classificação vocal de Maria Lúcia Godoy por meio do extenso acervo da Hemeroteca Nacional, que disponibiliza periódicos para consulta, encontramos o nome da artista citado em todas as classificações da voz feminina: contralto, mezzosoprano e soprano. Ao verificarmos o repertório executado pela artista em diversas matérias jornalísticas, encontramos obras que se aplicam às classificações supracitadas.

Embora tenha iniciado seus estudos como mezzosoprano e caminhado bastante como solista nessa classificação, com o avançar dos anos a artista sentiu-se mais confortável cantando na classificação de soprano lírico. Para MAGNANI (1989), ao comentar sobre as diversas subclassificações da voz de soprano, e especificamente sobre a voz de soprano lírico:

É a voz típica do soprano, sonora e aveludada, igual nos vários registros, com natural aptidão para o *legato* expressivo e pouca propensão para a agilidade virtuosística. A qualidade do som prevalece sempre sobre a intensidade e brilho. É a voz que expressa a feminilidade nos seus aspectos de devotamento e ternura (Mimi, na *Bohème*, de Puccini; a protagonista, em *Louise*, de Charpentier), de nobre virtude (Pamina, em *A flauta mágica*, de Mozart; Elsa, em *Lohengrin*, de Wagner), de inquieta ânsia amorosa (Manon, na homônima ópera de Massenet), de capacidade de sacrifício (a protagonista, em *Butterfly*, de Puccini; Liù, em *Turandot*, do mesmo autor), de encantada contemplação (Mélisande, em *Pelléas et Mélisande*, de Debussy). Por estes motivos, é a voz típica das heroínas do melodrama intimista e, conseqüentemente, do teatro de Puccini. (MAGNANI, 1989: 213).

Para MILLER (2000):

Muitos papéis favoritos no repertório padrão são para o soprano lírico. Essa voz encontra veículos satisfatórios em Handel, Mozart, nos compositores de bel canto da primeira metade do século XIX, Verdi, Massenet e Puccini, além de trabalhos de inúmeros compositores do século XX. De muitas maneiras, a soprano lírica é o feminino ideal voz operística. (MILLER, 2000: 9)⁷.

MILLER (2000: 9) ressalta ainda que “Grande parte da literatura da Mélodie e do Lied se prestam à voz do soprano lírico”. Embora tenha realizado estudos no Brasil e também na Alemanha, e que seus dados biográficos sempre apontem os nomes de Honorina Prates, Pasquale Gambardella e Marguerite von Wilterfeld, a artista sempre prezou pela naturalidade de sua emissão, aliada à constante atenção que dá à declamação. Em suas próprias palavras: “Sem saber da importância real que tinha ao cantar com as maiores orquestras do mundo. Ia como uma menina. Eu queria cantar”⁸. Ainda sobre sua versatilidade técnica, que a possibilitou transitar por além do ambiente erudito, a artista registrou:

Eu tenho uma preocupação fundamental, que determina e qualifica o meu trabalho – a divulgação da música brasileira. Eu não tenho barreiras em matéria de música, tanto que talvez eu tenha sido a primeira cantora lírica a gravar música popular (SANTOS, 2012: 115).

Para além dos conceitos técnicos que definem as classificações vocais, há também a impressão sobre a voz de Maria Lúcia Godoy pelos que trabalharam com a artista e também a impressão do público. Neste sentido, registramos neste momento as palavras da Professora Myrian Rugani Viana (1940)⁹, que acompanhou Maria Lúcia

⁷ Tradução dos autores.

⁸ Em entrevista concedida em 2014 ao jornalista Pedro Artur para o **Jornal Hoje em Dia**.

⁹ Entrevista concedida no dia 06 de novembro de 2019.

Godoy em uma turnê por cidades do interior de Minas Gerais com um repertório que apresentou apenas Modinhas Imperiais:

Suave, expressiva, delicada, Maria Lúcia Godoy sempre cantou como se estivesse declamando. Artista nata, conduzia sua voz com extremo bom gosto. Tive o privilégio de acompanhá-la com a harpa em um giro pelas cidades históricas mineiras com seu repertório de Modinhas Imperiais. Ela soube, então, como ninguém, imprimir um tom intimista, próprio dos salões antigos, onde, com a sensibilidade da grande artista que sempre foi, fazer-se sentir próxima do público e os transportar ao passado dos saraus de antigamente. Guardava para si a grande cantora lírica dos grandes palcos, e se entregava de uma forma surpreendente e modesta a uma plateia extasiada. A versatilidade é, sem dúvida, uma de suas múltiplas qualidades artísticas.

Como representante do público, citamos um dos preferidos da artista, que encerra o livro *Guardados de Maria Lúcia Godoy*. Trata-se do testemunho de um gari da Prefeitura de Belo Horizonte: “Dona, sua voz é a paz no coração, sua voz é o silêncio do mundo.” (GODOY, 2014, p.172).

A saúde vocal de Maria Lúcia Godoy, seu apuro técnico sólido e consciente, permitiram a ela se apresentar ao vivo até 2014, quando participou da reinauguração do Teatro Francisco Nunes. Na ocasião, ela interpretou duas peças que sempre a acompanharam durante sua carreira, em demonstração do melhor apreço por ser mineira, as serenatas *Amo-te muito*, de João Chaves (1887-1970), e *Oh! Minas Gerais*, uma adaptação realizada por José Duduca de Moraes (1912-2002) e Manoel Araújo (1913-1993) da canção tradicional italiana *Vieni sul mar*. Ainda em 2014, a artista declarou ao site www.uai.com.br, em matéria publicada no dia 30 de agosto:

Nunca tive nenhum cuidado especial com a voz, também nunca bebi ou fumei. Minha voz era de contralto, então cantava peças mais graves. Até que comecei a cantar aquelas em que era soprano e minha voz fluía até as notas mais agudas. Minha extensão (vocal) é muito grande.

1.10 “A mais importante voz do Brasil”: críticas e homenagens

Citada por presidentes, celebrada pelo público, pela mídia e pela crítica especializada, Maria Lúcia Godoy tem recebido ao longo de sua trajetória artística diversos reconhecimentos tais como a Medalha Juscelino Kubitschek, que recebeu em Ouro Preto; a condecoração com a Grande Cruz da Inconfidência, que é conferida pelo governo de Minas Gerais a seus mais eminentes expoentes e dignitários. Em 2002,



recebeu a Medalha de Honra, da UFMG, como ex-aluna. Ainda, a Medalha de Honra ao Mérito Cultural, recebida em 2009, em comemoração ao cinquentenário de morte do compositor Villa- Lobos.

Outro reconhecimento recente do trabalho realizado por Maria Lúcia Godoy foi a concessão do título Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Minas Gerais. Amplamente divulgada, essa iniciativa partiu dos estudos que meu orientador, Professor Mauro Chantal, realizara sobre a carreira da artista, e que obteve irrestrito apoio pela Congregação da Escola de Música e posteriormente do Conselho Universitário da UFMG. A outorga desse título ocorreu no Auditório da Reitoria da UFMG, pelas mãos do Reitor Jaime Arturo, no dia 15 de setembro de 2016.

O título de Doutor *Honoris Causa* é a principal distinção honorífica concedida pela UFMG, que em seus mais de 90 anos de existência concedeu essa titulação para apenas 20 pessoas, dentre elas personalidades como o musicólogo alemão Francisco Curt Lange (1903-1997), o escritor português José Saramago (1922-2010), e o cientista Carlos Chagas Filho (1910-2000). Na ocasião, ao ser chamada para receber o título, Maria Lúcia Godoy subiu ao palco ovacionada ao som de sua própria voz na histórica gravação da *Bachiana Nº 5*, de Heitor Villa- Lobos, e expressou seu agradecimento relembrando sua trajetória, fazendo com que o público presente cantasse a serenata *Oh, Minas Gerais*. Seu discurso pode ser lido na íntegra, a seguir:

Senhoras e Senhores,

Receber o título de *Doutora Honoris Causa*, a maior honraria da Universidade Federal de Minas Gerais, é pra mim motivo de grande orgulho e satisfação. Agradeço ao eminente professor Mauro Chantal pela indicação e a todos os membros do Conselho Universitário e da Congregação da Escola de Música que o aprovaram.

A partir dessa indicação, pude rever a minha trajetória de vida artística, iniciada ainda muito jovem, e pude perceber que, de fato, posso sentir orgulho pelo que represento na música brasileira e internacional.

Desde a infância, os jornais se interessavam por aquela menina que fazia versos e entendia coisas. “Enquanto as outras brincam com bonecas, Maria Lucia, uma garota de 7 anos, faz versos modernistas”, dizia uma das notas. Em minha carreira artística, gravei 16 discos e escrevi quatro livros infantis, todos com temas ecológicos: *Ninguém reparou na primavera*, *O boto cor de rosa*, *Fruta no pé* e *Um passarinho cantou*. Alguns desses versinhos foram musicados e fazem parte do meu novo CD *Acalantos*, que será lançado ainda neste ano.

Essa minha inclinação para as letras foi altamente reforçada quando aqui na



UFMG, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, me formei em Línguas Neolatinas, o que muito me ajudou na interpretação e pronúncia de músicas estrangeiras. Aqui, tive o privilégio de obter conhecimentos essenciais sobre os mais diferentes temas, por renomados professores, entre os quais, gostaria de citar Eduardo Frieiro, grande mestre. A UFMG foi um tempo de muito aprendizado e de muitas amizades.

Minha primeira aula de canto foi com a professora Honorina Prates. Comecei a cantar na Igreja de Lourdes, onde muitos fãs apareciam na missa das 10. De lá, saíamos para o Minas Tênis Clube, na conhecida “Missa Dançante”, frequentada por muitos intelectuais da época, entre os quais o poeta Paulo Mendes Campos, que mais tarde veio a escrever a apresentação do meu disco *Maria Lucia Godoy canta poemas de Manuel Bandeira*.

Com a fundação do Madrigal Renascentista, iniciado na casa de meus pais, fui a principal solista. Mais tarde, nos Estados Unidos, a poetiza Dora Vasconcellos, amiga de Villa-Lobos, conseguiu-me uma audição para um dos maiores maestros da época: Leopold Stokowski, com o qual fiz minha estreia no Carnegie Hall de Nova York. Emoção rara. Dele recebi um dos maiores elogios da minha vida: “Não apenas a beleza da voz, mas uma interpretação criadora! Uma artista!”

Foram incontáveis apresentações pelo mundo, incluindo alguns países da Europa, Oriente Médio, Japão, EUA, e América Latina. Fui solista com as principais orquestras internacionais e brasileiras, como a Philadelphia Orchestra e a Orquestra Sinfônica Brasileira. Reconheço com orgulho quando interpretei a *Bachiana Nº5*, de Heitor Villa-Lobos, nos Estados Unidos, e ouvi de Bidu Sayão que seria eu sua única sucessora. Sinto-me igualmente feliz por fazer parte da história da música como uma das intérpretes mais constantes de Villa-Lobos, notável compositor. Mas o que me deixa mais orgulhosa ainda é a minha participação na vida cultural do meu país. A convite de Juscelino Kubistchek fui chamada para cantar na inauguração de Brasília. E foram também muitas vezes que, pelos becos e ruas de Diamantina, junto ao querido presidente e com a participação do povo da cidade, cantei serestas inesquecíveis. Mas chegou o dia da despedida, quando faleceu o grande JK. Cantei-lhe então sua seresta preferida, *É a ti flor do céu*, o que emocionou a todos os presentes.

Durante 11 anos, escrevi uma coluna dominical no jornal Estado de Minas. Sempre fui ligada às questões ecológicas, na defesa pela preservação da natureza. Numa dessas crônicas, lamentava a derrubada de uma montanha em Belo Horizonte. Era assim:

“Como era bela a montanha, que de longe eu contemplava no exercício dos sonhos da minha vida menina. A montanha era a constante, a firme e azul segurança, o colo de minha mãe. Meu olhar transpunha os ares, fui à procura dos mares, disse adeus, a vista turva, fui procurar meu viver. Voltei. Mas que aflição tamanha, no longe azul da montanha, nada havia em seu lugar.”

Um momento marcante foi quando ouvi de Tom Jobim que a música *Sabiá*, de autoria dele e de Chico Buarque, fora dedicada a mim. A mim, não importa apenas o reconhecimento de minha arte pelos grandes artistas e políticos, nem pelo público seletivo que costuma frequentar concertos e óperas, mas, sobretudo, pelo povo do meu país, que quando tem oportunidade sabe reconhecer a outra face da arte. Após um concerto público em uma praça em frente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um gari se aproximou de mim e, emocionado, exclamou: “Dona, sua voz é paz no coração, sua voz é o silêncio do mundo!”.

Recebi inúmeros prêmios, medalhas, homenagens, mas ser agraciada com o título de Doutora honoris deixa-me, além de orgulhosa, intensamente comovida. Agradeço, sinceramente, esse título que jamais almejei. Reitero meus agradecimentos a todos, especialmente ao professor Mauro Chantal que o sugeriu.

Sinto-me honrada por fazer parte da cultura do meu país, sempre buscando fazer da música uma ponte para a sensibilidade, para o crescimento humano, para o encontro com as mais profundas raízes artísticas.

Sou cidadã brasileira, mineira da gema, amante da música, da arte, das letras, mas, além de tudo, parafraseando Márcio Borges e Fernando Brant, em uma de suas fabulosas canções: “Sou do mundo, sou Minas Gerais.” Quando cerro os olhos, vem-me à memória a casa com meus pais, meus irmãos, e daquelas noites quando os amigos chegavam e, ao som dos violões que apareciam, fazíamos serestas até altas horas da madrugada.

Para terminar, se me permitem, vou declamar um dos meus poemas, que fala exatamente dessa lembrança saudável daqueles tempos da jovem Belo Horizonte:

“SERENATA EM MINAS GERAIS

Abria a janela e olhava o longe azul das montanhas
Sino da Igreja de Lourdes batia a Ave Maria
Fazia em nome do Padre, o horizonte incandescia E
minha alma se escondia no ouro do sol morrente
Um cheiro bom de guisado se evolava da cozinha
E minha mãe me chamava, na mesa posta, as terrinas Feijão
grosso, angu, torresmo, lombinho de porco assado Couve
picada fininha
De sobremesa, arroz doce, doce de cidra e queijo de Minas
Pra completar, cafezinho quente e ralo, assim convinha
Na cabeceira da mesa meu pai, voz grossa e macia E a
conversa se fazia, sobre tudo se falava
Meus irmãos tumultuavam, cinco homens, cinco meninas
Minha mãe olhava tudo, de vez em quando sorria
Na neve do jasmineiro a noite se embranquecia
Amigos vinham chegando, violões apareciam
Já nascia a madrugada mas dormir ninguém queria
Nos queixumes de uma voz outras em coro se uniam E
a serenata acendia
Ouro esquecido de estrelas nos céus de Minas Gerais Oh,
Minas Gerais! Oh, Minas Gerais!
Quem te conhece não esquece jamais Oh, Minas Gerais!”

Muito obrigada!
Maria Lucia Godoy

Também professora de canto, com empenho, ao longo de sua carreira, Maria Lúcia Godoy se dedicou a expandir seus conhecimentos sobre o canto para alunos. Neste sentido, faz-se necessário a menção da Universidade Tokyo-Ged dai, que a convidou para ministrar aulas de interpretação de música brasileira, com enfoque nas canções de Villa-Lobos.

A seguir, no Quadro 2, apresentaremos uma seleção de críticas nacionais e internacionais recebidas por Maria Lúcia Godoy, registradas no livro *Guardados de Maria Lúcia Godoy*:

Quadro 2: Registros de algumas críticas e citações sobre Maria Lúcia Godoy.

Crítica/Referência	Autor
Quando ela canta é o coração de Minas que se externa, é a própria Minas Gerais que se encontra num momento dos mais altos de sua poesia, de sua beleza e do seu encantamento.	Tancredo Neves, ex-presidente do Brasil
A mais bela, a mais comovente, a mais importante voz desse país.	Juscelino Kubitschek de Oliveira, ex- presidente do Brasil
A sua voz, quando ela canta, me lembra um pássaro. Mas não um pássaro cantando, lembra um pássaro voando.	Ferreira Gullar
A magia da voz de Maria Lúcia Godoy, como agora, neste resgate tanto das Modinhas Imperiais quanto nos Cantares de Minas, afirma, como sempre, o nosso humanismo que marca a cultura luso-brasileira. Maria Lúcia é a expressão maior da nossa musicalidade, pela sua inteligência, sensibilidade e talento.	José Aparecido de Oliveira, embaixador do Brasil em Portugal
Maria Lúcia Godoy é como o Uirapuru: seu canto é misterioso e mais perceptível nas florestas mais densas, onde se oculta para emplumar-se e enfeitiçar as outras aves.	Hermínio Bello de Carvalho
Desde menina, Maria Lúcia Godoy desaparece no canto, suprime a personalidade quando canta, transforma-se no canto, como a ave que decola do ramo e vira voo.	Paulo Mendes Campos
Jamais recebi uma homenagem tão pura e tão sincera que chegasse ao ponto de comover-me tanto, que os meus olhos marejaram de lágrimas. A tua voz confundia-se com o aroma das rosas. Era tão segura e forte que enfraqueceu meu coração, meu corpo e minha alma, de tal modo que não tive força para te procurar e agradecer- te por tudo e de joelhos te dizer: muito obrigado. Que Deus te proteja.	Agenor de Oliveira, Cartola
E que maior título interpretativo do que comunicar exatamente ao espírito dos ouvintes a fisionomia dos autores? Quanto à ária de Villa-Lobos, Bachianas Nº 5, foi uma interpretação modelar e definitiva, das mais admiráveis que se conhece.	Eurico Nogueira França - Jornal do Brasil
A singular beleza de sua voz, sua musicalidade, sensibilidade e inteligência de sua interpretação.	Paul Klecki, regente da Philadelphia Orquestra
No concerto de ontem, ela se cobriu de glória.	Washington Post
Leonard Bernstein estava presente para ouvir Miss Godoy em sua sinfonia Jeremia's Lamentations mais a regência do maestro Stokowski. Generalizou-se uma belíssima ovação.	The New York Times
Ela chegará a ser uma das mais sensacionais cantoras que nos seja dado ouvir.	Courant-Haia, Holanda
Maria Lúcia Godoy é a maneira mineira de ser, é a maneira mais brasileira de cantar. É passado e presente, menina e mulher, montanha e litoral.	Wilson Figueiredo Jornal do Brasil
Uma escola vocal rigorosamente cultivada, um sentimento refinado da expressão e uma voz agradável, bela em todos os registros e capaz de chegar às mais deliciosas sutilezas de matiz, contrastando um colorido lirismo com uma graça especial nos filados de emissão.	Xavier Montsalvatge, compositor espanhol
Quando Maria Lúcia canta saem rouxinóis pela boca É que Deus a queria pássaro! (Um errinho de Deus para graça dos homens).	Fernando Limoeiro, Teatrólogo
Ao interpretar a Sinfonia nº 2, de Mahler, com a Philadelphia Orchestra, seu estilo foi sonhadamente extraterreno e sua	The Philadelphia Inquirer, Jornal Americano

facilidade em flutuar nas longas frases e sua surpreendente musicalidade foram comoventes. A qualidade da voz, veludo.	
Maria Lúcia Godoy quando canta, colhe estrelas no céu.	Vinicius de Moraes
Foi um grande choque estético quando ouvi Maria Lúcia pela primeira vez. Timbre inigualável. Através de sua voz, de sua simplicidade, de sua maneira de cantar, de dizer frases, de emocionar, transformar. Símbolo da música brasileira na arte do saber, do cantar. Essa maravilha que é a voz de Maria Lúcia Godoy!	Miguel Proença
Maria Lúcia Godoy, recadeira de Deus, através da beleza de sua voz e de sua singular interpretação.	José Carlos Buzelin, crítico musical
Maria Lúcia Godoy, extraordinária figura de intérprete, que alia à beleza de uma voz privilegiada, uma compreensão musical e uma comunicabilidade expressiva verdadeiramente incomuns.	Edino Krieger, compositor brasileiro
Dona, sua voz é a paz no coração, sua voz é o silêncio do mundo.	Um gari da prefeitura de Belo Horizonte

Fonte: Elaborado pelos autores.

1.11 O centenário de Maria Lúcia Godoy

A Assembleia Legislativa de Minas Gerais, no dia 02 de setembro de 2024, em Reunião Especial de Plenário celebrou os 100 anos da artista. Na ocasião, foram projetados depoimentos do pianista Miguel Proença (1939), do pianista e compositor Túlio Mourão (1952), além do pesquisador de sua carreira, o professor Mauro Chantal, da pianista Thalita Peres (1953) e da produtora Carminha Guerra (s.d.), criadora do Selo Karmim.

Maria Lúcia Godoy compareceu cercada por parentes e foi aplaudida por todos. Estandarte da canção brasileira de câmara, seu legado constitui contribuição inegável para com a música de concerto brasileira do séc. XX. Sua dicção do português cantado estabeleceu um padrão definitivo sobre a *performance* do cancioneiro nacional, seja ele lírico ou popular, e sua influência no desenvolvimento da música vocal brasileira atingiu os três âmbitos possíveis, a saber, a canção de câmara, o canto coral e a ópera.

Ao término deste estudo sobre a trajetória de Maria Lúcia Godoy, brindamos o leitor com uma de suas *performances* registradas em vídeo: a *Cantiga de Nossa Senhora* composta por Hekel Tavares (1896-1969) sobre versos de Luís Peixoto (1889-1973), na Figura 17, e com uma fotografia da artista em sua maior expressão, o canto:



Figura 17: *QR Code* de acesso à interpretação de Cantiga de Nossa Senhora de Hekel Tavares por Maria Lúcia Godoy. Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v= C1RKXSRmLI&list=RD_C1RKXSRmLI&index=1](https://www.youtube.com/watch?v=C1RKXSRmLI&list=RD_C1RKXSRmLI&index=1)



Figura 18: Maria Lúcia Godoy e sua expressão maior: o canto. Fonte: RMVEB
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rmveb>



Referências

- **Livro**

GODOY, Maria Lúcia. *Fruta no Pé*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1985.

GODOY, Maria Lúcia. *O boto cor-de-rosa*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1987.

GODOY, Maria Lúcia. *Um passarinho cantou*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora, 1985.

GODOY, Maria Lúcia. *Ninguém Reparou na Primavera*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

GODOY, Maria Lúcia. *Guardados de Maria Lúcia Godoy*. São Paulo: Editora SESI- SP, 2014.

MARIZ, Vasco. *A canção brasileira de câmara*. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002.

RENAULT, Pitucha Godoy. *Rua São Paulo 2189: cenas da infância*. [S.l]: Impressão Gráfica, [19-].

- **Capítulo de livro ou verbete assinado em enciclopédia**

VASCONCELOS, p.; CHANTAL, M. *Berceuse, de Carlos Alberto Pinto Fonseca: aspectos histórico-interpretativos e edição da obra*. In: BORÉM, Fausto; CASTRO, Luciana Monteiro de. **Diálogos Musicais na Pós-Graduação: Práticas de Performance N.4**. Belo Horizonte: UFMG, Selo Minas de Som, 2019. P. 315-327.

- **Dissertações ou Teses**

CALAIS, Raquel Giesbrecht. *LIA SALGADO (1914-1980): trajetória artística e contribuição para a canção brasileira de câmara*. Belo Horizonte, 2021. Mestrado em Música. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

LIMA, Urbano Francisco Peres de. *CINCO CANÇÕES DE MARIA HELENA BUZELIN (1931 – 2005): RESGATE HISTÓRICO POR MEIO DE EDIÇÃO DE PERFORMANCE, ANÁLISE ESTILÍSTICA E DADOS BIOGRÁFICOS*. Belo Horizonte, 2019. Mestrado em Música. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

OLIVEIRA, Arnon Sávio Reis de. *"O CORO DO BRASIL": O MADRIGAL RENASCENTISTA E O CONTEXTO DE SEU PERCURSO (1956-1962)*. Belo Horizonte, 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2015.

SABETI, Maria da Penha Vasconcelos Batista. *Maria Lúcia Godoy e a Canção Brasileira de Câmara: dados biográficos, análise e edição de performance do Tríptico da saudade de Francisco Mignone (1897-1986), dedicado à artista*. Belo Horizonte, 2020. Mestrado em Música. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

- **Entrevistas não publicadas**

CHANTAL, Mauro. Entrevista de Maria Amélia Godoy em 19 de outubro de 2019. Belo Horizonte. Registro em áudio. Casa da entrevistada.

CHANTAL, Mauro. Entrevista Henrique Godoy em 22 de outubro de 2019. Belo Horizonte. Registro em áudio. Casa do entrevistado.